



Jean-Marc Loos / Reuters

e Twitter) à analógica (televisão), recorrendo a um discurso claro, objectivo, sem aforismos nem floreios.

Por outro lado, a politóloga e investigadora do Instituto de Ciências Sociais (ICS), Marina Costa Lobo, explica a mediação em torno da figura do líder do Podemos com “o enfraquecimento e a descredibilização generalizada dos partidos, a individualização social e a massificação tecnológica que leva inevitavelmente à personalização da política”. É a “mediocracia associada ao seu líder”, resume Pires de Lima.

### PERSONALISMO MARXISTA NÃO É POPULISMO

Com uma formação sociológica e política marcadamente marxista, o recém-eleito eurodeputado pelo Podemos, apesar da simpatia pelo “chavismo”, não é adepto do “bolivarianismo” afirmando-se, antes, um defensor do empoderamento e politização das classes desfavorecidas. Ainda assim, doutorado em movimentos sociais, sabe como utilizar a tradicional ortodoxia comunista em seu proveito. A forma como soube federar o descontentamento das minorias “indignadas” a favor de um movimento personalizado nele próprio parece um decalque do texto “Que Fazer?”, escrito por Lenine em 1902, onde o russo trata, separadamente, a “ascensão espontânea” e o “culto da espontaneidade”.

Contudo, “personalização e populismo não é necessariamente a mesma coisa”, adverte Marina Costa Lobo, dependendo “do que diz e representa o líder”, acrescenta. Os resultados do Podemos, que se apresentou, em algumas cidades, como a terceira força política, parecem dar razão à lógica personalista adoptada por Iglesias. “Os eleitores descontentes com a lide-

rança do PSOE” e “a notoriedade de Iglesias fizeram o resto”, remata o investigador do IPRI.

Todavia, o Podemos irá passar por um congresso fundacional já em Outubro. Facto que suscitou imediatamente críticas internas porque tal congresso poderá colocar em causa a estrutura aberta do partido. Este será um desafio complexo e “uma debilidade”, admite Iglesias. O sucesso do Podemos advém de um discurso contra os “partidos de casta” e a “dívida ilegítima”, mas agora surge a dificuldade de estruturar um partido horizontal num partido operacional. Ideia corroborada por Costa Lobo quando constata que “a imagem de movimento anti-partidos coloca desafios difíceis no momento de entrada nas instituições”.

A investigadora especialista em comportamentos eleitorais explica que é mais fácil os movimentos de protesto atingirem bons resultados em eleições europeias “porque é neste tipo de eleições que os cidadãos tendem a exprimir votos de protesto”. “Agora resta saber em que medida isso se consegue transportar para o plano das legislativas”, sublinha a investigadora do ICS.

“O principal dilema de um movimento como o Podemos será dissociar-se do discurso antissistémico que a extrema-direita e a extrema-esquerda tradicionais, há mais tempo no mercado eleitoral, apresentam”, reflecte Pires de Lima. E, se não o conseguir, tenderá “a perder o élan inerente à inovação partidária que o lançou”, remata. Mas Iglesias sabe ao que vem e assevera que “o debate não é entre a esquerda e a direita, mas entre a casta política e os cidadãos”.

Sondagens recentes mostram que o Podemos poderá ga-

rantir entre 30 e 58 assentos parlamentares nas próximas legislativas espanholas, o que significaria a duplicação da votação alcançada em Maio. Iglesias defende precisamente que “a política é a acumulação de poder”.

### MARINHO E PINTO PARA PORTUGAL COMO IGLESIAS PARA ESPANHA?

A capacidade para aproveitar o fim do partidarismo espanhol, que é ainda “mais forte que o português”, nota Costa Lobo, será reproduzível em Portugal? Pires de Lima acredita que, “se houver uma liderança forte, agregadora e com notoriedade nacional, pode”. No entanto, o especialista em Relações Internacionais recorda que “em Portugal não há grandes exemplos de sucesso, mesmo com o resultado de Marinho e Pinto”, mas concede que “talvez o Livre possa vir a ser esse caso de estudo”.

No entanto, também em Portugal as eleições para o Parlamento Europeu ressaltaram a crescente desconfiança dos eleitores em relação aos partidos, especialmente do chamado centro, factor amplamente aproveitado por Marinho e Pinto nas europeias. “Marinho e Pinto tem em comum com Iglesias a notoriedade televisiva, a captação num certo momento de muito eleitorado socialista descontente e um discurso justicialista anti-casta política privilegiada”, atenta o investigador da Nova.

Ainda assim, apesar “do declínio dos partidos do centro e da fragmentação partidária”, a politóloga do ICS considera que “em Portugal esse espaço está amplamente preenchido pelo PCP, pelo BE e pelo Livre”. As legislativas portuguesas são já em 2015. **W**